

Le Corbusier e os portugueses

ANA VAZ MILHEIRO E JORGE NUNES

Em 1964, as tapeçarias de Portalegre produziram um exemplar de "Les Deux Musiciens" a partir de um cartão original de Le Corbusier e por encomenda sua. Tanto quando se sabe, esta é a relação de trabalho mais próxima que manteve com o nosso país. Seria interrompida com a sua morte, um ano depois, embora existam indícios de que pretendia fazer uma "série" com a técnica desenvolvida em 1946 por Guy Fino e que o pintor Jean Lurçat (1892-1966) internacionalizara. É certo que era amigo do médico Esteves Barros, que vivia na Suíça, e que terá mesmo passado uma ou duas vezes pela Ericeira, na casa de férias da família do irmão do médico português, o advogado José Esteves Barros. Estas visitas, a terem-se concretizado, terão também ocorrido durante os anos 60¹. São relações que se traçam fora da cultura arquitectónica e sem repercussões nela.

1. Privando com Le Corbusier

Afinidades entre Le Corbusier e arquitectos nacionais ter-se-ão ainda iniciado cerca de duas décadas antes, ainda que de modo menos informal. Deram-se a partir da passagem de jovens estagiários portugueses pela Rue de Sèvres, em Paris, ou em *ateliers* de associados seus, caso de André Wogenscky (1916-2004).

No escritório de Le Corbusier trabalharam, de 1946 a 1948, Vasco Vieira da Costa (1911-82) e Nadir Afonso (n.1920). O último permaneceria mais algum tempo, entre 1950 e 1951. Partiram para Paris após terminarem os estudos na Escola de Belas Artes do Porto e defenderam tese final com trabalhos apoiados nessa experiência, em 1948.

De regresso ao Porto, Vieira da Costa apresentaria "Luanda – Cidade Satélite nº3". Sergio Fernandez esclarece que "a estrutura entretanto criada na Escola, fundamentalmente por acção de Carlos Ramos, permite que para essa prova, e pela primeira vez, se possa apresentar matéria de urbanismo concebido então em termos da maior actualidade" (1988: 75). Confirma ainda que Vieira da Costa não só se identificava com a teoria urbanística corbusiana, como com a sua linguagem formal arquitectónica, "facto claramente explicitado nas várias propostas que faz a nível da imagem para os volumes a edificar" (*Idem*).

O caso de Nadir Afonso é diferente, até pelo distanciamento que gradualmente criou em relação à arquitectura. Como tese final, "A Arquitectura não é uma Arte", o arquitecto transmontano apresentaria um edifício industrial de tecelagem, para Saint-Dier, desenvolvido directamente

no escritório parisiense de Le Corbusier. Trazer os desenhos originais para serem mostrados no Porto provocaria um incidente "rocamboloso", segundo o próprio Nadir, que chegaria a ter a prova cancelada por queixa de Le Corbusier aos serviços diplomáticos (Afonso, 2000: 29). O director Carlos Ramos sairia em sua defesa. Evasivo quanto às razões que o conduziram ao escritório de Le Corbusier, especializar-se-ia "a fazer urbanização e perspectivas" (*Idem*: 30). Uma certa influência deste período, todavia, revela-se nas suas obras de Chaves, designadamente no projecto da Panificadora de 1962, onde admite que "brincava de Corbusier e procurava efeitos originais" (*Idem*: 31). Pouco presente na historiografia portuguesa dedicada aos anos 60, o edifício recorre a um léxico que se encontrava já em revisão nos moldes definidos pela nova liderança da revista *Arquitectura* a partir de 1957. Nela se declarava apoiar "todas as experiências de aprofundamento da realidade portuguesa... refutando a actualidade de uma arte pseudo-universalista" (cit. por Fernandez, 1988: 110). Este edifício de Nadir Afonso, pelo contrário, aludia à fase "purista abstracta", negligenciando novas explorações, não só as "organicistas" (que se revelariam as predilectas dos portugueses) como mesmo até dentro do novo universo corbusiano, e que Nuno Portas (n.1934) tinha identificado em 60 como "certas experiências... conhecidas... por *brutalism*... e que provêm, no fundo, da evolução formal recente de Le Corbusier" (2005: 119).

Fernão Lopes Simões de Carvalho (n.1929) foi o terceiro português a ter uma experiência de trabalho com o mestre franco-suíço e o único oriundo da Escola de Belas Artes de Lisboa, onde terminou os estudos em 1955. Um ano depois estava já com Wogenscky, responsável pelos projectos de execução, tendo sido contratado no âmbito da encomenda da Unidade de Habitação de Berlim. Permanece até 1959, colaborando ainda nos projectos do Mosteiro de La Tourette ou no Pavilhão do Brasil na Cidade Universitária de Paris, de que foi *architecte de chantier*. Preparou a sua tese na capital francesa, sobre um Centro de Televisão, tendo-a defendido em 1958, em Lisboa. Segundo testemunha, para o mestre Luís Cristino da Silva (1896-1976), "quem viesse do Corbu era mal tratado" (08/06/2008). No início dos anos 50, Le Corbusier era ainda assunto evitado na escola lisboeta. Cristino chegava a não o considerar arquitecto. Simões de Carvalho, por seu lado, escolheu-o por querer "trabalhar em coisas modernas". Recorda a actividade do escritório sob orientação de Wogenscky: "O Corbusier trabalhava em casa. Depois enviava os desenhos para a Rue de Sèvres, onde às vezes tínhamos

¹ Indicação de Ana Margarida de Moraes Esteves Barros.



Le Corbusier, "Les Deux Musiciens", 1964, 1,17x1,27m

reuniões com ele. Lá tinha uma equipa [mais próxima] que passava as ideias para ante-projecto que nós desenvolvíamos. Era assim que funcionava". Lidou mais directamente com Le Corbusier durante a construção do Pavilhão do Brasil, testemunhando a sua agilidade em ultrapassar questões funcionais, para as quais "arranjava sempre soluções" que poderiam ir desde a demolição de paredes até ao redesenho em estaleiro de uma fachada (*Idem*). Ainda de acordo com Simões de Carvalho, o período considerado desejável para um colaborador era de cinco anos, tempo que nenhum dos três portugueses acabaria por cumprir. Tanto Vieira da Costa como Simões de Carvalho exerceram a sua actividade depois em Angola, onde chegaram em 1949 e 1960, respectivamente; enquanto Nadir Afonso se desligaria progressivamente da arquitectura, tendo antes passado pelo escritório de Niemeyer (n.1907). Os três acabariam por não exercer qualquer influência relevante na evolução da cultura arquitectónica da metrópole. Mas é atribuída aos profissionais que trabalharam nas colónias africanas uma

maior liberdade na aplicação dos ideais corbusianos, como nos confirmará Nuno Teotónio Pereira (n.1922) reproduzindo uma opinião generalizada: "Nas colónias, a arquitectura moderna conseguiu prevalecer, conseguiu manter-se..." (12/06/2008). Talvez, contudo, o contacto directo com a cultura de projecto praticada na Rue de Sèvres tenha influído numa transposição mais acertada e sua consequente divulgação em solo africano, criando circuitos próprios, e que esta não se devesse somente "à distância do governo central" (*Idem*).

2. Recepção de Le Corbusier

Com os arquitectos que privaram pessoalmente com Le Corbusier fixados em África, como foi afinal recepcionada a sua obra no Portugal ibérico? O testemunho de Teotónio desloca a atenção para o discurso panfletário: "Foi a dimensão utópica [que nos motivou], claro... Mais do que a dimensão estética" (*Idem*). E acrescenta que entre o círculo lisboeta "eram conhecidas



algumas obras emblemáticas em termos de moradias. A Ville Savoye, por exemplo, era muito falada, mas eram sobretudo o urbanismo e as teorias da cidade radiosa e das unidades de habitação. Isso é que tinha um impacto bastante grande". Durante a guerra "havia bastante dificuldade em encontrar literatura, livros, revistas estrangeiras...". Publicações editadas em países neutros, como a Suíça, mantinham o fluxo informativo.

Deve-se à sua colaboração na *Técnica – Revista de Engenharia dos Alunos do IST* a reprodução (provavelmente) das primeiras versões portuguesas de textos corbusianos. Em Maio de 1943 escreve: "Le Corbusier, sobretudo, tem sido o defensor da humanização da habitação e da Arquitectura" (1943a: 360). Ainda estudante traduz "La Maison des Hommes" ("Do Mundo Técnico – A Arquitectura e a Engenharia na Construção"), de 1941, sinalizado como "última obra de François de Pierrefeu e Le Corbusier" (*Idem*: 360) escrito durante a Ocupação e "As Necessidades Colectivas e a Engenharia", retirado do contributo corbusiano para a *Encyclopédie Française* de 1935. Centra-se na cooperação entre a engenharia e a arquitectura "na grande tarefa da urbanização, segundo leis lógicas e humanas": "É preciso que o homem das cidades regresse à natureza; é preciso que as ruas corredores sejam proibidas e que êle torne a ver o céu..." (Teotónio, 1944: 658). Procurando delimitar cada uma dessas áreas disciplinares, escreve já da sua autoria "Engenharia e Estética". O tom é retirado de *Vers une Architecture*, até no recurso à imagem. Na legenda de uma estrutura industrial comenta: "As obras de engenharia, destacando-se puras, contra o céu, podem despertar em nós emoções iguais às provocadas por uma obra de arte" (1944b: 718). Esta colaboração terá o seu ponto-chave na publicação parcial da Carta de Atenas que traduz com Costa Martins ainda em 44.

Com a viragem internacionalista da revista *Arquitectura*, após 1947, uma nova tradução mais completa é reproduzida. A sua pertinência á comentada no número que antecede a publicação: "Onde se lançaram...os fundamentos da renovação dos aglomerados urbanos, com uma precisão e uma clarividência que os anos e a experiência se têm encarregado de acentuar" (n.19, 1948: 23). Antecipa-se talvez aqui o tom geral do I Congresso Nacional de 1948. Mas quando olhamos as Actas, detectamos uma única menção à Carta de Atenas no texto das Conclusões e Votos do Congresso e oito comunicações que aludem a Le Corbusier e/ou Carta de Atenas. Há ainda uma referência a Wogenscky feita por Alfredo Viana de Lima (1913-90), com quem mantinha uma relação pessoal.

Reconhecendo a importância da *Arquitectura*, a que se juntou a *Binário* em

1958, no contexto português da metrópole há que fazer um breve percurso sobre as suas "relações" com a obra corbusiana. Assim, entre os projectos do pós-guerra de Le Corbusier, a primeira publica Chandigarh (n.49, 1953) e a Unidade de Marselha (n.50-51, 1953). Recupera uma Carta aos arquitectos da África do Sul, de 1936, em número onde mostra uma casa de Rex Martienssen (1905-42) (n.30, 1949) e "As Proporções da Moradia Ideal – Comparação entre Palládio e Le Corbusier", a partir de um artigo de Colin Rowe (1920-99), provavelmente uma excepção entre os textos divulgados por não explorar o sentido mais doutrinário da sua obra. Um esquema da acrópole da capital do Punjab integra o desenho da capa n.49, respeitando a estrutura iniciada em 48, cujo "grafismo evoca claramente os esboços de Le Corbusier" (Fernandez, 1988: 56). Por sua vez, La Tourette ocuparia a capa da *Binário* n.56 de 1963. Nesta se daria igualmente notícia da *Unité de Berlim* (n.37, 1961) e, depois da sua morte, do Pavilhão da Philips desenhado para a Feira de Bruxelas de 58, que Manuel Tainha (n.1922) destacaria como "daqueles poucos que mereceram atenção do ponto de vista da arquitectura" (Tainha, 1966). Portugal tinha participado com um projecto de Pedro Cid (1925-83) onde Michel Toussaint viu sugestões da "ampliação do Museu do Crescimento, estudado em 1950 por Le Corbusier" (Toussaint, 2003: 55) mas que hoje nos parece bastante distante das indagações corbusianas no raiar dos anos 60. Um texto de Angel Benito ("Le Corbusier Arquitecto do Século XX", n.102, 1967) e a "Derrota de Le Corbusier" (n.180, 1973), dando conta do falhanço das suas visões para Nova Iorque, são outros exemplos de artigos preenchem ainda as páginas da *Binário* num período em que os portugueses se apercebem que "na nossa realidade, pelo menos, não era possível aplicar aquelas utopias... libertando[-se] delas" (Teotónio, 12/06/2008).

A morte de Le Corbusier apanha-os em fase de "negação". A *Binário* (n.84, 1965) inclui contributos de Augusto Pereira Brandão, Maurice Jardot e excertos traduzidos de *Vers... A Arquitectura* entretanto reformada pela geração wrightiana publica, na edição 88 de 1965, uma breve introdução de Carlos Duarte (n.1926) acompanhando o elogio fúnebre de Malraux. No número seguinte, todavia, entre outros contributos e memorialia, surgiria a "Actualidade de Le Corbusier" por Portas, adaptado de uma primeira versão incluída em *O Tempo e o Modo*. Acusando o "excessivo profetismo" do período racionalista, reconhece um "último ensinamento" em Ronchamp e La Tourette, abrindo possibilidades de "reconciliação" (2005: 191, 194). Tratava-se no entanto de reconhecer a presença de Le Corbusier, não tanto naquelas que foram consideradas peças canónicas dessa recepção e que

(à esquerda) "Unidade de Habitação de Marselha", *Arquitectura*, 2ª série, n.50/51, Nov./Dez. 1953; *Arquitectura*, n. 49, 2ª série, Outubro 1953; *Binário*, n.56 Maio 1963

(à direita) Nadir Afonso no atelier do Le Corbusier, 1946-47: Fernando Távora com Le Corbusier e Andre Wongescky no VIII CIAM, Hoddesdon, 1951

passariam pela FIL, pelo conjunto da Infante Santo ou Bairro das Estacas ("que não eram já factos suficientemente convincentes", p. 189), mas em obras que indiciavam uma certa heterogenia. E esta surgia em realizações de arquitectos mais jovens, desde os anos 50. Sergio Fernandez apontará na primeira obra de exposição pública de Álvaro Siza (n.1933) – as quatro casas que projecta para Matosinhos em 54 – "numerosas referências a Ronchamp" (1988: 132). Pensamos que era a exemplos como este que Portas se referia e que um certo esquematismo da luta pelo moderno em Portugal, obrigando a "ser *contra* ou a *favor*", não deixara desde logo vislumbrar.

3. Portugueses Corbusianos

Durante os anos 50 e mesmo até 60, alguns arquitectos portugueses superaram o aspecto mais figurativo decorrente da influência do período racionalista e enveredam pela produção do pós-guerra mais passional. Não se pretende aqui elencar todos os que se sentiram corbusianos, mas indicar algumas facetas dominantes. É talvez entre o grupo do Porto, provavelmente aquele que se reúne em torno dos CIAM, que se encontram algumas dessas personagens. Desde já, há que referenciar o encontro com Le Corbusier que a reunião de Hoddesdon, em 1951, proporciona a Viana de Lima e a Fernando Távora (1923-2005). Se Viana de Lima mantém um "vínculo à ordem que está a ser posta em causa, Távora, o seu convidado, representa já a nova sensibilidade" (Figueira, 2002: 41). Recordará depois um Corbusier empenhado num "mundo totalmente novo" (1971). Essa marca nova, porém, não transitará de imediato para o desenho, mas será o que mais "lembra directamente Ronchamp" na casa de Ofir, por exemplo (Fernandez, 1988: 128). Por não ter sido tentado a *tomar partido*, Távora manteria uma distância que lhe permitiu entrar em territórios corbusianos menos dogmáticos.

Nesses anos ainda, as diferentes frentes abordadas por Le Corbusier, teoria, arquitectura e urbanismo, compreendem adesões distintas, gerando diferentes "tipos" corbusianos. A via teórica que tivera elevada receptividade, interessava agora por exemplificar como "refazer a arquitectura desde a raiz, quando necessário – e esta mensagem podemos compreendê-la bem hoje...mesmo recusando um vocabulário plástico estafado" diz Portas em 65 (2005: 182).

Na arquitectura, há o exemplo da interiorização de Viana de Lima dentro de um quadro canónico que reafirma tardiamente na Faculdade de Economia. Foi um entusiasta do Modulor, como pressupunha uma





apreensão incondicional. Uma "obsessão" que Simões de Carvalho também partilhou: "Esboço [sempre] de acordo com o Modulor. Tudo o que fica de acordo com o Modulor sai certo...sai sempre proporcionado, sempre agradável" (08/06/2008). É esta confiança que caracteriza o "tipo" convicto e a sua casa em Luanda, de 1966, no Bairro Prenda, é, neste sentido, genuinamente corbusiana lembrando Ahmedabad.

Também o acolhimento das teses urbanas diminuiu após o entusiasmo inicial aqui exposto por Teotónio. Simões de Carvalho preteriu-as em função do que aprendera no prestigiado Institut d'Urbanisme da Universidade de Paris. Távora, entretanto introduzido nos circuitos dissidentes dos CIAM, proclama ao regressar de Royaumont, em 62: "Pouco tempo nos separa da Carta de Atenas...os tempos...mudaram...a realidade é mais diversa, mais rica e variada..." (cit. por Fernandez, 1988: 140).

Em Royaumont abundam os "ex-corbusianos" que se alinham em torno de Team X. Pancho Guedes (n.1925) também lá está, a convite dos Smithsons. Herdeiro da cultura anglo-saxónica que caracteriza a África do Sul, representa a faceta iconoclasta que transfigura Le Corbusier num plano inimaginável aos portugueses. Educado em Witwatersrand, Joanesburgo, durante a segunda metade dos anos 40, tem a confiança de quem lida com a cultura moderna desde cedo, já assistiu a discussões fratricidas e está no centro de um território antagónico – África. Foi aluno de discípulos de Martienssen que convivera com Le Corbusier: "Toda a gente lia *Vers une Architecture* em inglês... Para vender mais intitula[ram] o livro de *Towards a Modern Architecture*. Quando não era nada disso que o Corbusier queria" (29/05/2008). Reproduz as pinturas da fase purista e privilegia a imagem sobre os edifícios, que percorre em doses espaçadas no tempo: em 1953, visita sozinho a *Unité* de Marselha; em 1961, La Tourette, "com a Dori e com a minha filha mais velha, a Lonka" e só em 94, Ronchamp com os alunos. A sua via são as vanguardas, o surrealismo e o dadaísmo de Tristan Tzara (1896-1963). Os seus edifícios mais próximos do mestre dessacralizam o carácter racionalista que é o ponto principal da ancoragem portuguesa. Reconhece que de uma "maneira ou outra [todos] são influenciados pelo Corbusier". Interessa-lhe a via artística enquanto os portugueses privilegiam a teórica: "Há uma carta dirigida aos arquitectos da África do Sul, publicada em Portugal, que avisa que também devem ter em conta que não deve haver um estilo de Vignola e um estilo de Le Corbusier..." As palavras exactas são: "Nada de fórmulas, nada de truques, nada de estratégias...daqui a cem anos poderemos falar dum «estilo». Hoje não" (n.30, 1949:7). Afinal, por onde andou Le Corbusier? ■

(página ao lado, à esquerda) Fernando Távora, Casa de Ofir, 1957
 (página ao lado, à direita) Álvaro Siza, Quatro Casas em Matosinhos, 1954
 (à direita, em cima) Fernão Lopes Simões de Carvalho, Casa Simões de Carvalho,
 Bairro Prenda, Luanda, 1966
 (à direita, em baixo) Pancho Guedes, Leão que Ri, Maputo, 1956



Bibliografia citada:

Alonso, Nadir. "Nadir Afonso, pintor e arquitecto", conversa com Victor Neves, Mário Chaves e Renata Amaral, *Arq./a*, n.1, Maio/Junho 2000, pp. 26-33

Le Corbusier. "Carta de Le Corbusier dirigida aos grupos de arquitectos modernos de Joannesburgo (Transvaal) por ocasião de um manifesto por eles publicado em 1936", *Arquitectura*, n.30, Abril/Maio 1949, p.7.

Ecos e Comentários. "Um Novo Congresso dos CIAM", *Arquitectura*, n.19, Janeiro 1948, p.23

Fernandez, Sergio. *Percurso Arquitectura Portuguesa 1930/1974*. 2ª edição, Porto: FAUP, 1988

Figueira, Jorge. *Escola do Porto: Um Mapa Crítico*. Coimbra: EDARQ, 2002

Pereira, Nuno Teotónio. "Do Mundo Técnico – A Arquitectura e a Engenharia na Construção" (introdução a texto de Le Corbusier), *Técnica – Revista de Engenharia dos Alunos do IST*, n. 138, Maio 1943a, pp. 360-361; "As Necessidades Colectivas e a Engenharia" (introdução a texto de Le Corbusier), *Idem*, n.142, Dezembro 1943b, pp. 591-592; "Conclusão", *Idem*, n.143, Janeiro 1944a, pp. 658-660. "Engenharia e Estética", *Idem*, n.144, Fevereiro 1944b, pp.716-720.

Martins, Costa. "Urbanismo" (introdução à tradução parcial da Carta de Atenas com Nuno Teotónio

Pereira), *Técnica – Revista de Engenharia dos Alunos do IST*, n.147, Maio 1944, pp. 907-908

Portas, Nuno. *Arquitectura(s) História e Crítica, Ensino e Profissão*. Porto: FAUP Publicações, 2005

Tainha, Manuel. "«O Poema Electrónico» de Le Corbusier", *Binário*, n.89, Fevereiro 1966, s.p.

Távora, Fernando. "Entrevista" a Mário Cardoso. *Arquitectura*, n.123, Set./Out. 1971, pp. 150-154

Toussaint, Michel. "De dentro para fora na década de 50", *JA*, n.212, Set./Out. 2003, pp.48-57

Recolheram-se os testemunhos de Pancho Guedes (29/05/2008); Fernão Lopes Simões de Carvalho (08/06/2008) e Nuno Teotónio Pereira (12/06/2008).

Ana Vaz Milheiro – Arquitecta. Autora dos livros *A Construção do Brasil – Relações com a Cultura Arquitectónica Portuguesa* (2005) e *A Minha Casa é um Avião* (2007). Crítica no jornal *Público*. É professora no Instituto Superior das Ciências do Trabalho e da Empresa e na Universidade Autónoma de Lisboa.

Jorge Nunes – Arquitecto. Docente da Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa.

